

ENTRE O SAGRADO E O CÔMICO: O ARQUÉTIPO DIALÓGICO EM AULULARIA, DE PLAUTO, E, O SANTO E A PORCA, DE ARIANO SUASSUNA

BETWEEN THE SACRED AND THE COMIC: THE DIALOGICAL ARCHETYPE IN PLAUTUS' AULULARIA AND ARIANO SUASSUNA'S THE SAINT AND THE SOW

ENTRE LO SAGRADO Y LO CÔMICO: EL ARQUETIPO DIALÓGICO EN AULULARIA, DE PLAUTO, Y EL SANTO Y LA CERDA, DE ARIANO SUASSUNA

Hadrielen Cerqueira¹
Thays Carvalho Cesar²

Resumo

Este estudo analisa a ressignificação do arquétipo do avarento na obra *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, a partir de sua relação intertextual com *Aulularia*, de Plauto. Fundamentado nas contribuições teóricas de Carl Gustav Jung, Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov, Henri Bergson e Gilbert Durand, o trabalho investiga como uma estrutura simbólica universal é reelaborada em diferentes contextos históricos e culturais. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, bibliográfica e analítico-comparativa, concentrando-se na construção das personagens Euclião e Euricão Engole-Cobra, nos objetos simbólicos centrais das narrativas e nas formas de produção do riso. Como resultado, identifica-se que o arquétipo do avarento permanece reconhecível nas duas obras, mas adquire novos significados ao ser atravessado pela cultura popular nordestina, pela religiosidade e pela oralidade presentes na dramaturgia de Suassuna. A partir dessa análise, propõe-se o conceito de arquétipo dialógico, entendido como o processo pelo qual uma estrutura simbólica universal se transforma ao dialogar com diferentes vozes culturais e discursivas. Conclui-se que a literatura constitui um espaço privilegiado de permanência e renovação simbólica, evidenciando a capacidade de reinvenção dos arquétipos e a universalidade da cultura nordestina no cenário literário.

Palavras-chave: arquétipo dialógico; Ariano Suassuna; Plauto; literatura comparada.

Abstract

This study analyzes the reinterpretation of the miser archetype in *The Saint and the Sow*, by Ariano Suassuna, through its intertextual relationship with Plautus' *Aulularia*. Grounded in the theoretical contributions of Carl Gustav Jung, Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov, Henri Bergson, and Gilbert Durand, the research investigates how a universal symbolic structure is re-elaborated across different historical and cultural contexts. The study adopts a qualitative, bibliographical, and analytical-comparative approach, focusing on the construction of the characters Euclio and Euricão Engole-Cobra, the central symbolic objects of the narratives, and the mechanisms through which humor is produced. The results indicate that the miser archetype remains recognizable in both works, yet acquires new meanings when filtered through the Northeastern Brazilian popular culture, religiosity, and orality that characterize Suassuna's dramaturgy. Based on this analysis, the concept of the dialogical archetype is proposed, understood as the process by which a universal symbolic structure is transformed through dialogue with different cultural and discursive voices. It is concluded that literature constitutes a privileged space for symbolic continuity and renewal, highlighting both the capacity of archetypes for reinvention and the universality of Northeastern Brazilian culture within the literary landscape.

Keywords: dialogical archetype; Ariano Suassuna; Plautus; comparative literature.

Resumen

Este estudio analiza la resignificación del arquetipo del avaro en la obra *El santo y la cerda*, de Ariano Suassuna,

¹ Acadêmica no curso de Letras – Língua Portuguesa no Centro Universitário Internacional - UNINTER.

² Mestre em estudos de linguagens pela UTFPR, docente no curso de Letras Língua Portuguesa na UNINTER.

a partir de su relación intertextual con *Aulularia*, de Plauto. Fundamentado en los aportes teóricos de Carl Gustav Jung, Mijaíl Bajtín, Valentín Volóshinov, Henri Bergson y Gilbert Durand, el trabajo investiga cómo una estructura simbólica universal es reelaborada en distintos contextos históricos y culturales. La investigación adopta un enfoque cualitativo, bibliográfico y analítico-comparativo, centrándose en la construcción de los personajes Euclión y Eurício Engole-Cobra, en los objetos simbólicos centrales de las narraciones y en las formas de producción de la risa. Como resultado, se identifica que el arquetipo del avaro permanece reconocible en ambas obras, pero adquiere nuevos significados al ser atravesado por la cultura popular nordestina, la religiosidad y la oralidad presentes en la dramaturgia de Suassuna. A partir de este análisis, se propone el concepto de arquetipo dialógico, entendido como el proceso mediante el cual una estructura simbólica universal se transforma al dialogar con diferentes voces culturales y discursivas. Se concluye que la literatura constituye un espacio privilegiado de permanencia y renovación simbólica, evidenciando la capacidad de reinención de los arquetipos y la universalidad de la cultura nordestina en el escenario literario.

Palabras clave: arquetipo dialógico; Ariano Suassuna; Plauto; literatura comparada.

1 Introdução

O passado pode, muitas vezes, iluminar novas formas de compreender o presente e projetar interpretações para o futuro. É com esse olhar atento que Ariano Suassuna (1927–2014) revisita e recria, em *O Santo e a Porca* (1957), a comédia clássica *Aulularia*, de Plauto (século II a.C.), autor romano considerado um dos pilares da tradição cômica ocidental. A leitura suassuniana, entretanto, não se limita à adaptação de um modelo antigo: ao transpor a narrativa para o contexto da cultura popular nordestina, o dramaturgo reinventa personagens e situações, transformando arquétipos universais em expressões de fé, humor e identidade cultural.

A comédia, enquanto forma literária, constitui um espaço privilegiado para observar a permanência e a transformação de arquétipos ao longo da história. Desde a Antiguidade clássica, figuras como o avarento atravessam diferentes tradições culturais, revelando conflitos humanos recorrentes por meio do riso e da crítica social (Jung, 2000, p. 3-6; Bergson, 2007, p. 13-15). Nesse sentido, personagens cômicos não apenas provocam o riso, mas também expressam tensões morais, sociais e simbólicas presentes nas sociedades que os produzem.

Nesse contexto, *Aulularia*, de Plauto, e *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, estabelecem um diálogo significativo, apesar da distância temporal e cultural que as separa. Enquanto a comédia romana se estrutura a partir da crítica moral e da rigidez comportamental de seu protagonista, o teatro suassuniano ressignifica esses elementos ao incorporá-los à cultura popular nordestina, marcada pela oralidade, pela religiosidade e pela comicidade popular.

Diante desse panorama, o problema de pesquisa que orienta este trabalho consiste em compreender de que modo um arquétipo clássico — o avarento — é ressignificado no contexto nordestino por meio do dialogismo e da comicidade, preservando sua matriz simbólica e, ao mesmo tempo, adquirindo novos sentidos culturais, sociais e religiosos.

O objetivo geral deste trabalho é analisar de que maneira o arquétipo do avarento, presente em *Aulularia*, de Plauto, é ressignificado em *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, a partir das noções de dialogismo e comicidade no contexto da cultura nordestina. Como objetivos específicos, busca-se:

- a) compreender o arquétipo do avarento à luz da teoria do inconsciente coletivo de Carl Gustav Jung (2000, p. 3-6);
- b) examinar o papel do dialogismo e da polifonia, conforme formulados por Mikhail Bakhtin (2010, p. 79-82) e Valentin Volóchinov (2009, p. 98-102), na reelaboração desse arquétipo;
- c) analisar o riso como elemento estruturante do cômico, segundo Henri Bergson (2007 p. 13-15);
- d) evidenciar a cultura nordestina como espaço legítimo de ressignificação simbólica de formas narrativas universais.

A fundamentação teórica deste estudo ancora-se, inicialmente, na psicologia analítica de Carl Gustav Jung, especialmente nos conceitos de arquétipo e inconsciente coletivo (Jung, 2000, p. 3-6), compreendidos como estruturas simbólicas universais que se manifestam em narrativas, mitos e obras literárias. Esses conceitos articulam-se à teoria do dialogismo e da polifonia desenvolvida por Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov (Bakhtin, 2010; Volóchinov, 2009), que compreende o texto literário como espaço de interação entre múltiplas vozes sociais, históricas e ideológicas. As contribuições de Beth Brait (2005, p. 15-18), complementam essa perspectiva ao evidenciar como o dialogismo se materializa na construção do sentido no discurso literário.

Embora Jung e Bakhtin partam de matrizes epistemológicas distintas, este estudo não pretende conciliá-los em nível ontológico. A psicologia analítica de Jung é mobilizada para compreender a permanência simbólica dos arquétipos no imaginário humano, enquanto a teoria do dialogismo de Bakhtin permite analisar os processos históricos, culturais e discursivos por meio dos quais esses arquétipos são ressignificados. Dessa forma, as duas perspectivas são utilizadas de modo complementar e heurístico, cada uma contribuindo para dimensões específicas da análise literária proposta.

No plano teórico, o trabalho articula diferentes contribuições que operam em níveis distintos de análise. Jung e Bakhtin constituem o eixo central da investigação, pois oferecem as bases para compreender, respectivamente, a permanência simbólica dos arquétipos e os processos culturais e discursivos de sua transformação. Em diálogo com esse núcleo teórico,

mobilizam-se as reflexões de Gilbert Durand sobre o imaginário simbólico e de Henri Bergson acerca do funcionamento do riso na comicidade. A contribuição de Joseph Campbell (2007, p. 28-32) é utilizada de forma complementar, como apoio para pensar a permanência e a adaptação cultural de estruturas míticas. Por fim, autores como Antonio Candido (2004, p. 45-47), Alfredo Bosi (2006, p. 12-16) e Câmara Cascudo (1984) contribuem para situar essas manifestações no contexto sociocultural da literatura brasileira.

A justificativa desta pesquisa reside na relevância de promover um diálogo entre a literatura clássica e a literatura brasileira, contribuindo para os estudos de literatura comparada, teoria literária e estudos culturais (Candido, 2004; Bosi, 2006). Ao analisar a obra de Ariano Suassuna em relação à tradição clássica, o estudo reafirma a importância da cultura nordestina no cenário literário mais amplo, demonstrando que o sertão também constitui um espaço de produção simbólica, reflexão cultural e universalidade estética.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico-comparativo, fundamentada na leitura e interpretação das obras *Aulularia*, de Plauto, e *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, bem como de textos teóricos das áreas da literatura, da filosofia da linguagem e da psicologia simbólica. O método comparativo permite identificar permanências e transformações do arquétipo analisado, bem como compreender os efeitos culturais e simbólicos decorrentes do diálogo entre obras de épocas distintas.

A análise comparativa concentra-se, particularmente, em três elementos: a construção da personagem avarenta, os objetos simbólicos associados à avareza e as formas de produção do riso nas duas obras. A partir dessas categorias, busca-se observar de que maneira o arquétipo do avarento permanece simbolicamente reconhecível, ao mesmo tempo em que sofre transformações decorrentes dos contextos culturais e históricos em que cada obra se insere.

Essa abordagem dialoga ainda com perspectivas da literatura comparada temática e da mitocrítica, que investigam a permanência e a transformação de motivos simbólicos ao longo de diferentes tradições literárias.

Quanto à estrutura, o trabalho organiza-se em cinco seções. A primeira corresponde à introdução, na qual se apresentam o tema, o problema de pesquisa, os objetivos, a justificativa, o referencial teórico e a metodologia. A segunda seção descreve os procedimentos metodológicos adotados. A terceira seção desenvolve a fundamentação teórica, com base nos conceitos de arquétipo, dialogismo, polifonia e comicidade. A quarta seção dedica-se à análise comparativa das obras *Aulularia*, de Plauto, e *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, à luz do

conceito de arquétipo dialógico. Por fim, a quinta seção apresenta as considerações finais, retomando os principais resultados e contribuições do estudo.

A partir desse diálogo entre tradição clássica e cultura brasileira, este estudo propõe compreender a permanência e a transformação de determinadas estruturas simbólicas por meio do conceito de arquétipo dialógico, entendido como a reinterpretação de um arquétipo universal quando atravessado por diferentes vozes culturais, históricas e discursivas.

2 Marcos teóricos e definições teóricas

Este estudo fundamenta-se em um conjunto de referenciais teóricos que possibilitam a análise comparativa das obras *Aulularia*, de Plauto, e *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, a partir da articulação entre literatura, simbolismo e cultura. As teorias aqui mobilizadas não são utilizadas com a intenção de unificá-las em um mesmo sistema epistemológico, mas como instrumentos analíticos complementares, cada qual contribuindo para uma dimensão específica da interpretação literária proposta.

O conceito de arquétipo, desenvolvido por Carl Gustav Jung (2000, p. 3-6), constitui um dos fundamentos centrais deste trabalho. Para o autor, os arquétipos são estruturas simbólicas provenientes do inconsciente coletivo que se manifestam em narrativas, mitos e produções culturais ao longo da história humana.

No presente estudo, esse conceito orienta a identificação do avarento como uma figura simbólica recorrente, presente tanto na comédia romana quanto na dramaturgia nordestina. Ainda que os contextos culturais sejam distintos, a permanência dessa figura revela a existência de uma matriz simbólica comum que se transforma ao longo do tempo.

As reflexões de Joseph Campbell (2007, p. 28-32), contribuem para compreender a permanência de estruturas míticas nas narrativas humanas. Segundo o autor, determinados núcleos simbólicos atravessam diferentes culturas e períodos históricos, sendo reinterpretados em novos contextos narrativos. Embora a teoria de Campbell se concentre sobretudo na jornada do herói, sua perspectiva contribui para compreender como determinados núcleos simbólicos permanecem ativos no imaginário cultural, assumindo novas configurações conforme os contextos em que são reinterpretados.

A teoria do imaginário proposta por Gilbert Durand (2002, p. 65-70), amplia essa perspectiva ao compreender as imagens simbólicas como organizadoras da experiência cultural. Para o autor, o imaginário humano estrutura-se em regimes simbólicos que orientam diferentes formas de representação da realidade. No âmbito deste trabalho, essa perspectiva permite

compreender a dimensão simbólica presente em elementos da obra de Ariano Suassuna, nos quais o humor, o sagrado e o imaginário popular se entrelaçam.

A comicidade constitui outro elemento teórico fundamental para esta pesquisa. Henri Bergson (2007, p. 15-18) compreende o riso como uma reação à rigidez mecânica do comportamento humano, especialmente quando essa rigidez se torna excessiva ou desproporcional. Essa concepção contribui para compreender o efeito cômico presente tanto na obsessão de Euclião pela panela de ouro em *Aulularia* quanto na fixação de Eurício Engole-Cobra pela porca-cofre em *O Santo e a Porca*, revelando como o apego exagerado ao objeto material se converte em fonte de comicidade.

Outro eixo teórico fundamental deste estudo encontra-se nas reflexões de Mikhail Bakhtin (2010, p. 79-82) e Valentin Volóchinov (2009, p. 98-102), sobre o dialogismo. Para esses autores, o discurso não é produzido de forma isolada, mas sempre em relação com outros discursos, constituindo um processo contínuo de interação entre diferentes vozes sociais, históricas e ideológicas. No campo da literatura, esse princípio permite compreender o texto literário como espaço de encontro entre múltiplas perspectivas e tradições culturais.

As contribuições de Beth Brait (2005, p. 20-23), complementam essa abordagem ao evidenciar como o dialogismo se manifesta concretamente na construção do sentido no discurso literário. A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender como uma obra literária pode dialogar com outras tradições narrativas, reelaborando sentidos e ressignificando elementos simbólicos já existentes.

No campo da crítica literária brasileira, as reflexões de Antonio Candido (2004, p. 45-47) e Alfredo Bosi (2006, p. 12-16), são fundamentais para compreender a literatura como prática histórica e social. Esses autores destacam que as obras literárias não podem ser analisadas de forma isolada, pois estão profundamente vinculadas ao contexto cultural em que são produzidas. Assim, a literatura é entendida como forma de expressão estética que também participa da construção da experiência social e cultural de uma sociedade.

A partir da articulação dessas perspectivas teóricas, este trabalho propõe a formulação do conceito de arquétipo dialógico, entendido como o processo pelo qual um arquétipo simbólico universal é reinterpretado quando atravessado por diferentes vozes culturais e discursivas. Nesse processo, a estrutura simbólica fundamental permanece reconhecível, ao mesmo tempo em que adquire novos significados históricos, sociais e culturais.

Dessa forma, a relação entre *Aulularia*, de Plauto, e *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, pode ser compreendida como um exemplo desse fenômeno: um arquétipo clássico é

deslocado para outro contexto cultural e histórico, preservando sua matriz simbólica e, simultaneamente, sendo ressignificado pela cultura nordestina.

3 Fundamentação teórica e perspectiva analítica

3.1 Arquétipo e mito: Jung, Campbell e Durand

A análise proposta neste trabalho fundamenta-se em diferentes perspectivas teóricas que permitem compreender a permanência e a transformação de determinadas estruturas simbólicas na literatura. Nesse sentido, as contribuições da psicologia analítica, da teoria do imaginário e dos estudos do discurso são mobilizadas como instrumentos interpretativos para examinar a relação entre *Aulularia*, de Plautus, e *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna.

Partindo dessas perspectivas, busca-se compreender como determinadas figuras simbólicas podem atravessar contextos históricos e culturais distintos, mantendo elementos estruturais reconhecíveis e, ao mesmo tempo, adquirindo novos significados conforme são reinterpretadas em diferentes tradições literárias.

Desse modo, a análise aqui desenvolvida parte da hipótese de que certas configurações simbólicas não apenas se repetem na história literária, mas se reorganizam discursivamente de acordo com os valores culturais e sociais de cada contexto.

3.2 Arquétipo e recorrência simbólica

A partir da concepção de arquétipo desenvolvida por Carl Gustav Jung, é possível compreender determinadas figuras literárias como expressões simbólicas de experiências humanas recorrentes. Os arquétipos manifestam-se em narrativas culturais por meio de personagens, imagens ou situações que evocam estruturas simbólicas profundas presentes no imaginário coletivo.

Nesse sentido, a figura do avarento pode ser interpretada como uma dessas manifestações simbólicas recorrentes. O apego excessivo ao objeto material, associado ao medo constante da perda, constitui um traço que aparece em diferentes tradições narrativas e se torna particularmente evidente nas figuras de Euclião, em *Aulularia*, e Euricão Engole-Cobra, em *O Santo e a Porca*.

A permanência desse tipo de personagem em diferentes contextos culturais pode ser compreendida à luz das reflexões de Joseph Campbell sobre a recorrência de estruturas míticas nas narrativas humanas. Embora Campbell se concentre sobretudo na jornada do herói, sua

perspectiva permite compreender como determinados núcleos simbólicos permanecem ativos no imaginário cultural, sendo reinterpretados em novas configurações narrativas.

Assim, mesmo personagens que não correspondem ao modelo heroico tradicional podem expressar tensões humanas fundamentais, como o apego ao poder material, o medo da perda e os conflitos morais associados à riqueza.

Nesse sentido, o arquétipo do avarento pode ser compreendido como uma figura simbólica que materializa tensões universais relacionadas à posse, à escassez e ao medo da perda, revelando como determinadas experiências humanas se cristalizam em formas narrativas recorrentes.

3.3 Imaginário simbólico e regimes do imaginário

A teoria do imaginário proposta por Gilbert Durand contribui para aprofundar a compreensão das imagens simbólicas presentes nas narrativas literárias. Para o autor, o imaginário humano organiza-se em diferentes regimes simbólicos que orientam as formas pelas quais as sociedades representam suas experiências culturais.

No âmbito da literatura, objetos aparentemente simples podem adquirir forte dimensão simbólica quando inseridos em determinados contextos narrativos. Em *O Santo e a Porca*, por exemplo, a porca-cofre ultrapassa sua função material e passa a concentrar significados afetivos, religiosos e culturais, tornando-se elemento central da obsessão do personagem Euricão Engole-Cobra.

Esse processo evidencia como determinados objetos narrativos podem atuar como núcleos simbólicos capazes de condensar valores culturais e imaginários coletivos, revelando a relação entre experiência cotidiana e representação simbólica.

3.4 Dialogismo e discurso

Outro eixo teórico fundamental para esta pesquisa encontra-se nas reflexões de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov sobre o dialogismo. Para esses autores, todo discurso se constitui a partir da interação com outros discursos, estabelecendo um processo contínuo de diálogo entre diferentes vozes sociais, culturais e históricas.

No campo da literatura, essa perspectiva permite compreender o texto literário como espaço de encontro entre múltiplas tradições narrativas. Uma obra não se constrói isoladamente, mas dialoga com outras formas culturais, reinterpretando temas, personagens e estruturas simbólicas já existentes.

As contribuições de Beth Brait aprofundam essa abordagem ao demonstrar como o dialogismo se manifesta concretamente na construção do sentido no discurso literário. A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender como determinadas obras literárias reelaboram elementos simbólicos provenientes de outras tradições narrativas.

3.5 Arquétipo dialógico

A articulação entre as perspectivas teóricas apresentadas permite compreender o processo pelo qual determinadas figuras simbólicas permanecem reconhecíveis ao longo do tempo, mesmo quando inseridas em contextos culturais distintos.

É nesse processo de permanência e transformação que se fundamenta o conceito central deste trabalho: o arquétipo dialógico. Esse conceito refere-se à reinterpretação de um arquétipo simbólico quando ele é atravessado por diferentes vozes culturais, históricas e discursivas.

Nesse sentido, a relação entre *Aulularia*, de Plauto, e *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, pode ser compreendida como um exemplo desse fenômeno. Embora pertençam a contextos históricos e culturais distintos, ambas as obras mobilizam a figura do avarento como estrutura simbólica central, reinterpretando-a conforme os valores e imaginários de suas respectivas tradições culturais.

Assim, o arquétipo não deve ser compreendido como uma estrutura fixa e imutável, mas como uma forma simbólica que se transforma ao atravessar diferentes formações discursivas, mantendo elementos estruturais reconhecíveis enquanto incorpora novas camadas de significado.

4 Análise das obras

4.1 O arquétipo do avarento em *Aulularia*: Euclião e o medo ancestral

Aulularia, comédia inacabada de Plauto, centra-se na figura de Euclião, homem velho, pobre e paranoico que encontra um pote de ouro enterrado em sua casa. A descoberta dá início a uma sucessão de eventos marcados pela obsessão, pelo medo e pela desconfiança — características que moldam o arquétipo da avareza.

Euclião não é avarento por ganância, mas por pânico. Seu apego ao ouro deriva do medo arquetípico da escassez, do desamparo e da perda — medo que Jung (2000, p. 8-10) considera universal e ancestral, ligado ao instinto de sobrevivência. O ouro torna-se, assim, símbolo da vida controlada, da segurança impossível, da tentativa inútil de dominar o destino.

A fixação do personagem leva-o a comportar-se de forma mecânica, repetitiva, o que, para Bergson (2007, p. 15-18), constitui a essência do cômico: “o riso nasce quando o humano torna-se rígido”. Euclião é rígido, previsível, ridículo. Seu medo exagerado transforma-se em humor, e é por meio dele que Plauto expõe a vulnerabilidade humana. O tesouro enterrado é, na verdade, o centro simbólico da peça. Ele representa:

- o desejo de controle;
- o apego ao material;
- a ilusão da segurança;
- a fragilidade diante da perda.

Plauto cria, assim, um personagem que ultrapassa a individualidade dramática. Euclião não é apenas um homem específico, mas uma figura que sintetiza uma estrutura simbólica recorrente da experiência humana: o medo da perda e a obsessão pelo controle. Nesse sentido, o personagem se aproxima do que Jung define como manifestação arquetípica do inconsciente coletivo.

É justamente essa estrutura simbólica que atravessa os séculos e possibilita o diálogo com a obra de Ariano Suassuna, que retoma essa matriz narrativa e a reinscreve em um novo contexto cultural.

4.2 O avarento ressignificado em Suassuna: Euricão Engole-Cobra e a porca sagrada

Se Plauto constrói sua comédia sobre o medo humano da perda material, Suassuna avança um passo além: ele transforma esse medo em medo divino. Euricão Engole-Cobra, protagonista de *O Santo e a Porca*, não protege apenas dinheiro — ele protege um objeto investido de sacralidade.

A porca, que deveria ser apenas um cofre, se torna **um fetiche devocional**, um objeto ao mesmo tempo sagrado e cômico. Euricão não teme apenas o ladrão: ele teme a ira divina, teme quebrar uma promessa, teme ser castigado pelo santo. Sua avareza é moral, religiosa, emocional.

A partir disso, Suassuna cria um personagem que opera em dois níveis:

1. O nível arquetípico, herdado de Plauto — o avarento ancestral.
2. O nível cultural, enraizado no sertão nordestino — o homem simples, supersticioso, religioso, que mistura fé e medo.

Essa operação literária evidencia aquilo que esta pesquisa denomina arquétipo dialógico: um processo pelo qual uma estrutura simbólica universal é preservada enquanto se transforma ao entrar em contato com novas tradições culturais. Como explica Bakhtin (2010, p. 82-90), a literatura é sempre o encontro de discursos. Em Suassuna, dialogam:

- a voz do teatro clássico;
- a voz da religiosidade popular;
- a voz da oralidade sertaneja;
- a voz da crítica social;
- a voz do humor e da cultura de feira.

Assim, a construção da personagem analisada confirma o funcionamento do arquétipo dialógico, no qual um arquétipo clássico mantém sua estrutura simbólica ao dialogar com um novo contexto cultural.

4.3 Ouro e Porca: dois símbolos, um mesmo arquétipo

Aqui se encontra o coração desta tese. A equivalência simbólica entre os objetos centrais das obras — o ouro e a porca — demonstra a continuidade do arquétipo, mesmo quando completamente transformado pela cultura.

Em Plauto, o ouro funciona como símbolo central da narrativa. Ele representa a riqueza material, mas também a ansiedade diante da instabilidade da vida. O riso surge da rigidez comportamental de Euclião, confirmando a ideia de Bergson de que o cômico nasce da mecanização do humano.

Em Suassuna, o símbolo se transforma: o ouro romano dá lugar à porca, objeto que mistura valor material, devoção religiosa e superstição popular. Nesse contexto, o riso assume tonalidade distinta, aproximando-se do que Bakhtin compreende como comicidade popular e carnavalesca, capaz de subverter hierarquias e revelar tensões sociais.

No plano arquetípico, ambos representam:

- a tentativa de controlar o destino;
- o medo da pobreza;
- a fragilidade humana;
- a obsessão pelo que é finito.

Mas no plano cultural, os símbolos mudam drasticamente:

- o ouro é romano, racional, doméstico;
- a porca é nordestina, devocional, ambígua, carregada de fé.

Nesse sentido, o riso analisado não apenas produz comicidade, mas atua como elemento de ressignificação simbólica, reafirmando o arquétipo dialógico como eixo que articula permanência e transformação cultural.

4.4 O riso como ponte: quando o sagrado encontra o cômico

Em Plauto, o riso tem função essencialmente social: expõe o ridículo, critica a moral, libera a tensão. Em Suassuna, o riso é sagrado. No imaginário cultural nordestino, o riso frequentemente convive com a religiosidade popular.

O humor sertanejo — como explica Câmara Cascudo (1984, p. 112-115) — é profundamente religioso: não diminui Deus, mas humaniza o homem. O riso protege, cura, alivia. Ele faz parte da fé. Por isso, em Suassuna:

- o riso não destrói o sagrado;
- o sagrado não anula o riso;
- ambos coexistem como forças de resistência cultural.

Enquanto Euclião foge do mundo, Euricão participa dele — e o sertão ri com ele. Dessa forma, o encontro entre o riso e o sagrado na obra de Ariano Suassuna evidencia a atuação do arquétipo dialógico, no qual a comicidade não rompe com a tradição simbólica, mas a reconfigura a partir da cultura nordestina, preservando a matriz arquetípica e transformando seus sentidos culturais.

4.5 O arquétipo dialógico em ação: o mito que muda, a cultura que fala

Agora podemos afirmar com clareza que o arquétipo dialógico pode ser compreendido como o processo pelo qual uma estrutura simbólica universal se mantém reconhecível enquanto se transforma ao dialogar com diferentes contextos culturais e históricos.

Em Plauto: Euclião + ouro = avareza material. Em Suassuna: Euricão + porca = avareza espiritual + fé + culpa + humor. O mito é o mesmo. A voz é outra. O sentido se renova. Assim, a comparação entre as obras confirma que o arquétipo do avarento se consolida como um arquétipo dialógico, pois preserva sua matriz simbólica universal ao ser reinterpretado por diferentes vozes culturais e históricas.

5 Considerações finais

Esta pesquisa partiu da seguinte questão: de que maneira a estrutura narrativa da avareza presente em *Aulularia*, de Plauto, reaparece e se transforma em *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna? A análise demonstrou que essa recorrência não se explica apenas por influência literária direta, mas pela permanência de uma estrutura simbólica que atravessa diferentes contextos históricos e culturais.

O percurso desenvolvido ao longo desta pesquisa permitiu compreender que o diálogo entre *Aulularia*, de Plauto, e *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, ultrapassa os limites da intertextualidade tradicional. O encontro entre essas duas obras evidencia que há, no cerne da experiência humana, estruturas simbólicas que se mantêm vivas ao longo dos séculos — e que, ao mesmo tempo, se transformam profundamente conforme dialogam com novas culturas, crenças e realidades históricas.

Nesse sentido, o conceito de arquétipo dialógico, proposto ao longo deste estudo, permite compreender como determinadas estruturas simbólicas permanecem reconhecíveis ao mesmo tempo em que se transformam. O arquétipo não se repete de forma estática, mas se reorganiza conforme o contexto cultural em que é reinscrito.

Ao analisar *Aulularia*, observa-se que o arquétipo do avarento, representado por Euclião, tem raízes profundas no imaginário humano. Ele traduz o medo ancestral da perda, o desejo obsessivo de controle e a necessidade ilusória de estabilidade material. Plauto, ao criar Euclião, não apenas diverte: ele expõe a fragilidade da condição humana diante da incerteza. O humor romano, baseado na rigidez comportamental e no exagero das emoções, produz um riso que revela o absurdo das próprias obsessões humanas.

Por sua vez, *O Santo e a Porca* demonstra como Ariano Suassuna, ao revisitar esse arquétipo, não copia nem homenageia de forma servil — ele ressignifica. Euricão Engole-Cobra é, ao mesmo tempo, herdeiro e reencarnação do avarento clássico, mas agora atravessado por dimensões que não existiam em Plauto: a religiosidade popular, a fé ambígua, a superstição sertaneja, a culpa moral e o humor nordestino. Se Euclião teme o ladrão, Euricão teme o pecado. Se o ouro romano representa apenas riqueza material, a porca suassuniana é um objeto de valor simbólico, espiritual e emocional.

Essa transformação revela que o arquétipo não se limita a repetir formas fixas: ele se abre ao encontro com novas vozes — processo que Bakhtin descreve como dialogismo. O arquétipo dialógico, portanto, não é apenas a permanência de uma figura simbólica, mas a sua

capacidade de mudar ao entrar em contato com diferentes culturas. Roma e Sertão não se anulam: se iluminam mutuamente.

O estudo também evidenciou o papel fundamental do riso como elemento de resistência cultural. Enquanto Plauto utiliza o humor para criticar a rigidez moral e os excessos individuais, Suassuna transforma o riso em instrumento de fé, sobrevivência e humanidade. No Nordeste, o riso não destrói o sagrado — ele convive com ele. A comicidade sertaneja revela que o riso pode ser, simultaneamente, crítica e consolo, irreverência e devoção. Essa coexistência entre o cômico e o religioso mostra que o imaginário nordestino vive em um território simbólico semelhante ao que Durand chama de “regime noturno”: o domínio da fé, da magia, do mito e da afetividade.

Desse modo, este trabalho demonstrou que comparar Plauto e Suassuna não é um exercício forçado de aproximação entre épocas distantes, mas a revelação de que a literatura é um território em que culturas dialogam, se transformam e se recriam. *Aulularia* e *O Santo e a Porca* pertencem a universos distintos, mas compartilham a essência humana que faz com que o mito atravesse séculos. Suassuna, ao nordestinizar um tema clássico, prova que o sertão é também um espaço mítico e universal — tão digno de estudo quanto a cultura romana.

Por fim, esta pesquisa abre caminho para novos estudos que podem aprofundar a relação entre literatura clássica e brasileira, explorar outros arquétipos ressignificados por autores nacionais ou investigar a influência do Movimento Armorial na reelaboração simbólica de mitos universais. O arquétipo dialógico, como conceito, pode ser aplicado a inúmeras obras em que a tradição se cruza com a reinvenção cultural.

Conclui-se, portanto, que a literatura não é estática: ela respira, se transforma e renasce. E, nesse processo, Suassuna prova que a cultura nordestina não apenas dialoga com o mundo — ela o enriquece, o amplia e o ilumina.

A análise comparativa entre Plauto e Suassuna demonstra que o diálogo entre tradições literárias distintas revela não apenas permanências temáticas, mas também processos de ressignificação cultural.

Dessa forma, o conceito de arquétipo dialógico pode ser aplicado a outras relações intertextuais da literatura, ampliando as possibilidades de investigação sobre a permanência e transformação de símbolos narrativos em diferentes tradições.

Referências

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Y. F. Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAIT, B. **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. Trad. A. U. Sobral. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 1984.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad. H. Godinho. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. M. L. Appy. Petrópolis: Vozes, 2000.

PLAUTO. **Aulularia**. Trad. C. A. Malferrari. São Paulo: Editora 34, 2019.

SUASSUNA, A. **O santo e a porca**. 16. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. S. Grillo; E. V. Américo. 16. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

Data de submissão: 08/04/2026

Data de aceite: 09/06/2026